

# Responsabilidade de uma associação científico-profissional quanto às relações entre Ciência, comportamento e cultura para um desenvolvimento social sustentável.

Silvio Paulo Botomé ✉

Universidade Federal de São Carlos e Universidade Federal de Santa Catarina

*O trabalho científico é um elo entre o reconhecimento e a gratidão pelo que outros fizeram e a generosidade de continuar a construção de um conhecimento, como condição para outros poderem prosseguir-la.*

Ao rever, por pouco que seja, a história da Análise Experimental do Comportamento, particularmente no Brasil, é marcante a quantidade de pioneiros e de construtores que investiram suas vidas na realização de um conhecimento confiável, fidedigno, claro e preciso por meio do exercício de diferentes tipos de trabalho a respeito do comportamento, particularmente o humano. E, cada vez mais, ficou evidente que as contribuições desses pioneiros e desses construtores são relevantes e constituem uma sólida base para qualquer transformação social ser realizada como melhoria das condições de vida na sociedade.

Até porque a Psicologia constitui uma área de conhecimento básico para as demais áreas das de-

nominadas “Ciências Humanas”, além de ser um conhecimento fundamental para qualquer campo de atuação profissional. Não parece ser viável projetar ou aspirar qualquer desenvolvimento social sem considerar quais os comportamentos de quem vai realizá-lo e quais as condições necessárias para que eles aconteçam. Tais comportamentos são a base da construção de qualquer modalidade de sociedade ou vida que constitui uma aspiração, expectativa ou um projeto. Em outras palavras, um desenvolvimento social não acontece sem comportamentos adequados de diferentes pessoas na sociedade, incluindo os analistas do comportamento, em qualquer modalidade de trabalho que realizem.

Lembrar de pioneiros e construtores faz pensar no tempo que já se estendeu por mais de meio século de existência da Análise do Comportamento no Brasil. Um tempo preenchido pelo trabalho e pela vida de muitas pessoas que o realizaram e assumiram como um projeto em suas vidas. Com carinho, respeito e saudade parece importante ficar registrado que somos todos beneficiários do trabalho e da dedicação que outros realizaram e realizam durante suas vidas.

Já há várias gerações realizando isso e, cada vez mais, aumenta a distância temporal de uma época na qual a Análise do Comportamento, no Brasil, estava em um começo difícil, embora, até por essa condição, fosse entusiasmante e desafiadora, quando também contava com várias pessoas que construíram e deixaram uma bela herança de contribuições, ainda que seja apenas parcialmente conhecida por muitos dos atuais analistas do comportamento. Nem sempre é fácil identificar no que uma geração se apoia ou pode apoiar-se para construir algum progresso em relação às contribuições existentes.

Que esta breve exposição e os trabalhos deste XXV Encontro da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC) sejam uma homenagem, mesmo que singela, a todos os que antecederam e presentearam aos atuais analistas do comportamento com a contribuição que constitui o que há de análise do comportamento neste país.

Também que sejam uma homenagem aos que, com sua dedicação e seus comportamentos, continuam a oferecer, a nós mesmos e a novas gerações, uma herança ainda mais rica e poderosa. Seja como contribuição social direta, seja como desvendamento dos mistérios, problemas, controvérsias, equívocos e limitações que ainda envolvem o conhecimento e

a tecnologia para lidar com o comportamento humano nesta sociedade.

A escolha do tema ou do mote orientador para este encontro da ABPMC – Ciência, comportamento e cultura para um desenvolvimento social sustentável – parece oportuna e exigente. Por oportuna, ela indica o que está presente no mundo atual como problema, como necessidade social e como possibilidade para a atuação dos analistas do comportamento. Será sempre uma orientação importante estar atento às interações entre o conhecimento científico, aquilo que as pessoas fazem em seu cotidiano, a sustentabilidade das circunstâncias em que vivemos e das que criamos e as características de nossos comportamentos como cidadãos, profissionais e cientistas que vivem nessas circunstâncias.

Por exigente, pelo que precisamos realizar ou construir para viabilizar a ocorrência e aperfeiçoamento desses comportamentos na sociedade. Uma exigência, talvez, ainda não suficientemente percebida quanto à necessidade de um extraordinário repertório pessoal, profissional e social. Um repertório, vale destacar, muito distante daquele que a maioria das instituições educacionais estão conseguindo desenvolver na formação de agentes para trabalhar no campo de atuação com as diferentes modalidades e instâncias sociais de ocorrência do comportamento humano.

Os desafios não são apenas os relativos à utilização do conhecimento científico para o trabalho de intervenção social. E isso ainda sem sequer examinar ou avaliar o que seria tal “utilização”. Quaisquer desses desafios e dessas necessidades sociais também exigem aperfeiçoar e desenvolver o conhecimento existente, tanto em relação à constituição

dos processos comportamentais quanto em relação a intervenções significativas com o comportamento na sociedade.

E tudo isso é indispensável para que as contribuições dos analistas do comportamento sejam efetivas na construção de um desenvolvimento integral e sustentável da sociedade e do ambiente no qual ela vive e constrói. E, até mesmo, destrói, diminuindo as possibilidades da vida pelo descuido, falta de preparo ou desconhecimento. Em qualquer caso, a quantidade de desconhecimento em relação ao trabalho com os comportamentos humanos, sejam eles quais forem, é muito grande e depende de conhecimento seguro, confiável, fidedigno e preciso em relação a quais sejam os comportamentos que ocorrem, quais precisariam ocorrer e que condições ou circunstâncias estão relacionadas a eles. E isso diz respeito a qualquer forma ou modalidade de relações entre circunstâncias e ação humana.

Nas condições em que a Humanidade se encontra parece oportuno estabelecer a orientação que o tema indica para os trabalhos de qualquer Encontro de Analistas do Comportamento. Mas, é também adequado considerar que o próprio tema é exigente. Pelo menos na medida em que contém, subentende e quase anuncia que os comportamentos para tudo isso acontecer precisam existir ou serem construídos. E o que fará essa existência ocorrer ou essa construção ser feita com a qualidade necessária são, na sua gênese e no seu desenvolvimento, nossas próprias condutas. São os comportamentos dos atuais analistas do comportamento que viabilizarão tal existência e construção. Não vai haver Ciência significativa, cultura relevante ou comportamentos de valor para um desenvolvimento social sustentável se não forem apresentados os comportamentos

capazes de construir as condições para que essas três condições existam e viabilizem uma sociedade progressivamente melhor.

E a construção dessas condições diz respeito diretamente aos que estão aqui, nesses dias do XXV Encontro da ABPMC, como responsáveis pela construção dos comportamentos que poderiam viabilizar tais referenciais, os quais podem ser considerados como condições fundamentais para um desenvolvimento social significativo e sustentável. E tal responsabilidade existe. E existe em qualquer significado ou grau que tais adjetivos puderem ter como qualificação de um resultado de comportamentos humanos ainda por serem descobertos e construídos. Muito mais do que a competição, a fama, a projeção social ou *status* pessoais, será a contribuição, a articulação e a integração das contribuições, por menores que sejam, presentes em cada trabalho realizado o que poderá construir uma Análise do Comportamento coerente, significativa e promotora de desenvolvimento do conhecimento e da sociedade na qual ela própria participa e constrói de alguma maneira.

### Papel social de uma associação Científica e Profissional

A realização de um encontro científico e profissional, como o são os Encontros Anuais da ABPMC, é uma oportunidade para participar do reconhecimento e da celebração periódicos de um esforço coletivo que acontece em uma sociedade concreta, construindo a história – boa ou nem tanto – sob as condições existentes e geralmente não muito apropriadas para um desenvolvimento científico, profissional e social de valor para todos. A própria história de desenvolvimento do conhecimento fica comprometida quando não é uma interação cumu-

lativa do conhecimento que existe e que continua em construção.

Mais do que aderir, contemplar ou entusiasmar-se com novidades ou modismos é relevante integrar conhecimento e prosseguir na avaliação cuidadosa do que está sendo construído, com uma interação cuidadosa, respeitosa e honesta com os demais agentes que trabalham na construção do conhecimento do qual todos necessitamos para viver e trabalhar. É uma avaliação com tais características exige muita honestidade, respeito, solidariedade e questionamento, auxiliando a identificar possibilidades e problemas para a construção do conhecimento, que é sempre coletiva, por mais que possa aparentar ser ou aparecer como alguma genialidade individual. Genialidade que pode ser uma condição, mas está sempre alicerçada em contribuições alheias até quando as nega ou contradiz.

No Brasil, como também ocorre em múltiplos outros países, as distâncias, obstáculos, limitações e exigências para as articulações necessárias entre Ciência, ensino e outros tipos de trabalho profissional muitas vezes se acentuam e ficam em um grau no qual não parece ser possível ver (ou haver?) nexos entre essas três modalidades de atuação na sociedade. Isso pode ser a redução dos processos mais nobres de produção de conhecimento a um mero *experencialismo* de senso-comum ao trabalhar com o imediato e a novidade tanto para o conjunto quanto para cada indivíduo que realiza qualquer uma dessas três modalidades de trabalho na sociedade (Ciência, Ensino e Atuação Profissional).

A história de desenvolvimento de um conhecimento científico está imersa em uma grande quantidade de informações, conceitos, concepções, linguagens e

maneirismos – verbais ou não – dos que produzem e examinam o conhecimento disponível. O próprio acesso que cada um tem ao conhecimento existente é sempre parcial e nem sempre leva em conta o que é relevante em cada contribuição. Parece ser necessário, cada vez mais, detectar o que é nuclear ou relevante na construção de um conhecimento sólido, claro, fidedigno e eficaz tanto quanto ao desvendamento dos processos que ocorrem, quanto ao que é adequado ou pertinente fazer em relação a eles, sem criar mitos ou “truques” para alterar o que acontece sem uma efetiva percepção e articulação dos sistemas de interação entre variáveis nos quais tais processos ocorrem.

Ainda entre nós, com muita frequência, nem sempre há clareza suficiente para entender as origens do que é considerado “psicológico” e as contribuições do que ficou conhecido como Análise Experimental do Comportamento, em um progressivo desenvolvimento e progresso. Desenvolvimento e progresso que têm uma tessitura exigente de um repertório específico para ser percebida e, mais ainda, para ser utilizada na construção de novos progressos em relação ao comportamento.

O próprio conceito de comportamento está longe do que Watson, por exemplo, divulgava e do que chamou a atenção de Skinner proximamente à metade do século passado. Ambos souberam valorizar e respeitar um conhecimento que Pavlov já havia, em outra área de trabalho, começado a delinear superando conhecimentos (e mitos) anteriores. Ambos também foram, em suas contribuições, além do que havia sido elaborado até então, não só em relação ao desvendamento do que era o comportamento, mas nos procedimentos para sua investigação e avaliação do que fosse descoberto. O entendimento do pa-

pel da experimentação como uma exigência de verificação e demonstração inequívocas do que ocorre nas interações entre as atividades de um organismo e aspectos de seu ambiente ainda é incipiente e frequentemente considerado como algo pertinentes “à pesquisa básica ou de laboratório” e pouco relevante ou realizável em outros contextos.

A superação de simplismos conceituais, como em outras épocas, ainda hoje encontra obstáculos no ensino e nas escolas do país. Ainda permanece forte e predominante um trabalho educacional (?) intensamente ensinando mais cópia, repetição, adesão ou mimetismo conceitual do que observação, elaboração e teste ou verificação constantes da correspondência entre discurso, suposições e acontecimentos envolvidos na atuação dos profissionais – incluindo professores e cientistas – que saem de escolas do país. Várias gerações de analistas do comportamento passaram por essas circunstâncias limitadoras e tudo isso, hoje e para a maioria das pessoas, aparenta ter se tornado não mais o que precisa ser superado, mas algo “natural” a tal ponto que nem sequer consegue ser percebido como “problema” na formação, no trabalho e na organização da Análise do Comportamento.

Alguns acontecimentos mostram que houve, no país, por outro lado, mudanças e progressos nas organizações (com várias transformações de orientação) de analista do comportamento desde a fundação da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, primeira instância que possibilitou a reunião e encontros dos pioneiros da Análise do Comportamento no Brasil. A seguir, foi criada – ainda no Estado de São Paulo – a Associação de Modificação do Comportamento e, logo após, com uma preocupação de haver uma Associação de caráter nacional, foi criada a Associação Brasileira de Análise do Comportamento

(ABAC) que durou alguns anos e extinguiu-se.

A ABPMC, criada nos anos de 1990, depois de alguns anos, mudou de nome e de foco de Psicoterapia para Psicologia Comportamental, mantendo a integração da Medicina Comportamental. Em 2013, mais de duas décadas depois, surgiu a ACBr. Tais organizações, em busca de um fórum, que articulasse e possibilitasse o desenvolvimento dos analistas do comportamento e do conhecimento de seu objeto de estudo e de intervenção e de seus procedimentos de trabalho. Esses esforços evidenciam com clareza várias tentativas de organizar-se e comunicar-se não só internamente no país, mas também com analistas do comportamento de outros países.

Ainda precisamos de uma avaliação desse percurso de construção e dos critérios que orientaram esses esforços, além de uma localização de onde está a organização, a articulação e o grau de desenvolvimento do trabalho com o comportamento, tanto de seu estudo quanto dos procedimentos de trabalho com a construção de comportamentos de valor na sociedade. As variações e institucionalizações dos trabalhos mostram uma espécie de “busca” (?) por uma forma de organização que congregue os analistas do comportamento e possibilite uma condição para o desenvolvimento de seus esforços na direção de um trabalho que tenha significado científico, coletivo e social. Com as dificuldades impostas por diferenças, competições, disputas por poder ou hegemonia de diferentes tipos, houve um progresso que ainda pode ser muito mais significativo com as integrações e aperfeiçoamentos que as atuais organizações souberem realizar.

Também surgiram, ao longo dos anos, paralelamente aos Encontros (regulares) Anuais da ABPMC, vá-

rios e diversificados esforços de reunião, exposição e comunicação dos trabalhos feitos por analistas de comportamento em qualquer tipo de atuação que estivessem realizando. Tanto como pesquisadores quanto como cientistas, professores, estudantes ou outros tipos de papel profissional em organizações e em clínicas psicológicas ou institutos de psicologia. Associações e reuniões anuais foram uma etapa e uma condição para a elaboração de publicações que refletissem o trabalho crescente de pessoas que passaram de mil em alguns encontros anuais (um deles atingiu a cifra de 3000 participantes). Revistas que se extinguíram também foram substituídas por outras publicações periódicas e coleções que registraram, de diferentes formas, muitas maneiras de trabalho nas quais houve contribuições realizadas em diferentes locais do país.

Em alguns casos, houve um retrocesso como, por exemplo, na não consideração da Análise do Comportamento como um dos eixos da formação na graduação. Uma formação humana e profissional que já foi bem mais densa e organizada, pelo menos em cursos de graduação de grandes centros e em algumas universidades existentes no país. Em compensação a esse retrocesso nas instituições de ensino superior, criaram-se cursos de muitos tipos voltados para qualificação, aperfeiçoamento profissional e especialização em diferentes tipos de trabalho de analistas do comportamento, especialmente fora das universidades ou de cursos de nível superior em Centros Universitários e Faculdades do país. Isso pode, sem avaliação e organização, estar criando uma multiplicação de capacitações com diferentes tipos de equívocos a respeito do que seja um efetivo trabalho de análise do comportamento, coerente com os referenciais desse tipo de contribuição para o conhecimento científico em Psicologia.

De forma marcante, nos últimos anos, também surgiram programas de mestrado e doutorado com orientação específica em linhas de pesquisa ou áreas de concentração de estudo com objetos de estudo relacionados a comportamento. Algumas universidades, em seus programas de pós-graduação, já têm núcleos mais ou menos consolidados de Análise do Comportamento e, em alguns casos, já há programas de pós-graduação com denominação de seus objetos de estudo relacionados a comportamento, apesar de, nem sempre, haver o mesmo núcleo conceitual em relação ao conceito de comportamento. Alguns programas são parte de um programa de pós-graduação com uma configuração mais abrangente do que o comportamento no âmbito de entendimento da Análise do Comportamento.

Outras vezes são orientados para tipos de utilização (mestrado profissional) do conhecimento da Análise do Comportamento. Outras ainda são apenas disciplinas e professores orientadores que estão, individualmente, relacionados à Análise do Comportamento e atuam em uma área ou subárea de um programa de Pós-graduação. Em todos eles houve uma forte influência da burocracia do Ministério da Educação, da CAPES e da tradição institucional no entendimento e organização dos Programas de Pós-graduação, prejudicando o desenvolvimento específico e próprio do que seria um Programa de Estudos de Pós-graduação coerente com o conhecimento já desenvolvido pela Análise do Comportamento.

Tal influência é perceptível nos conceitos do que sejam programas de pós-graduação (em contraste com “Cursos de Pós-graduação”), no entendimento do que seria apropriadamente um currículo de Pós-graduação e até na concepção e proposição dos objetivos gerais e específicos próprios de um Programa de

Pós-graduação, particularmente em Análise do Comportamento, com suas exigências conceituais básicas e concepção do que seja Ciência em Psicologia.

Algo que ficou marcante nos últimos tempos foram as Jornadas de Análise do Comportamento que, em torno de uma década, expandiram-se pelo país, superando um total de mais de uma centena de Jornadas ou Encontros organizados por estudantes e professores de diferentes instituições. A própria ABPMC organizou uma ajuda na forma de cartilha para auxiliar a organizar essas jornadas predominantemente realizadas por esforços, dedicação e trabalho de estudantes de psicologia.

Isso mostra mais do que apenas a tradição ou o trabalho dos pioneiros. Indica que as novas gerações de analistas do comportamento estão necessitando e até solicitando recursos e apoio para seu desenvolvimento como profissionais do comportamento. E investindo com seus próprios esforços e recursos para viabilizar uma formação específica em relação ao trabalho com o comportamento como perspectiva de profissionalização em psicologia. Isso acarreta uma exigência maior do que apenas atividades localizadas nas próprias instituições ou regiões. Há uma amplitude de esforços para desenvolver conhecimento, formação e trabalho com o comportamento, mesmo em condições precárias pela distância ou com poucos recursos para realizar tais iniciativas que também precisam ir muito além de uma mimetização de atividades, de conceitos, de comportamento verbal, de uso de algumas técnicas (“receitas?”) ou de certos tipos de procedimentos, o que pode acentuar-se com a repetição e multiplicação de atividades sem um planejamento que integre a própria evolução dos conceitos e da tecnologia científica em sua organização e promoção.

Tudo isso, como problema, porém, parece estar um pouco obscuro, perdendo relevância para sua aparência de ativismo intenso, novidade atraente ou mobilização social que reúne pessoas e possibilita alguma percepção como grupo humano em torno de algum tipo de preocupação. Ainda que necessitando maior refinamento de direção, de objetivos, de critérios comuns e de metodologia de trabalho, seja no estudo do comportamento, seja no trabalho de intervenção com esse tipo de fenômeno na sociedade.

Neste Encontro – já no meio da terceira década de existência da ABPMC – parece ser útil destacar alguns aspectos dessa história e das condições que constituíram, a Associação e seu Encontro Anual, como dois tipos de contribuição no desenvolvimento da análise do comportamento e em suas contribuições para a sociedade. Não se trata de fazer futurologia, mas de avaliar as características do presente e elaborar ou aperfeiçoar condições para um desenvolvimento de analistas do comportamento no melhor grau que conseguirmos nesse desenvolvimento com contribuição da ABPMC, tanto em relação a sua estrutura e atuação quanto em relação à reunião anual de analistas do comportamento que organiza.

Parece útil destacar que o próprio conhecimento que viabiliza a análise do comportamento parece estar ficando prejudicado com os procedimentos usuais do sistema educacional do país nas suas estruturas e nos seus referenciais do que sejam Educação, Ensino, Aprendizagem e até Ciência. O desenvolvimento profissional e a capacitação para trabalhar com o conhecimento científico, seja para produzi-lo, seja para utilizá-lo podem ficar fortemente prejudicados se permanecer uma ênfase nos temas da moda, nas novidades da Ciência ou nas ideologias mais difun-

didadas ou sacralizadas pelos discursos acadêmicos, administrativos ou políticos.

Mais do que avaliar e aperfeiçoar os procedimentos difundidos como “práticas” (cultura?) em qualquer sistema de interações do qual cada um faça parte, estão sendo realizados muito mais procedimentos de cópia, repetição, adesão, adoção, adaptação, atenuação de informações complexas ou mimetização de conceitos não suficientemente entendidos em relação a suas contribuições específicas no desenvolvimento cumulativo do conhecimento em relação ao fenômeno comportamento.

A ênfase que ainda permanece nas instituições acadêmicas – até com a participação de analistas do comportamento – promove adesão ao que é mais difundido, conveniente, familiar ou conhecido e adaptação ao que predomina como sendo comum e acolhido ou tolerado pelos demais dentro de grupos de referência de cada um. Não parece adequado e suficiente que deixemos a formação de analistas do comportamento por conta do sistema, com o risco de não produzir uma capacitação relacionada a recursos básicos de procedimentos da área, a conceitos e critérios historicamente consolidados e com avaliações atualizadas.

Uma formação para analistas de comportamento precisa ser feita de forma a garantir que cada egresso das instituições possa estar apto a lidar com o conhecimento científico e seu uso na sociedade de uma forma coerente com esse conhecimento e com as necessidades sociais que ele deveria ajudar a superar. Não apenas o uso que cada um faz, mas com os diversos usos feitos por outros no cotidiano seja dos conceitos, dos procedimentos e critérios. Ainda permanecem em um plano secundário, no ensino

ou no desenvolvimento de novos comportamentos, os procedimentos, conceitos e critérios básicos que produzem os resultados de uma maneira de trabalhar que foi denominada por “Ciência”.

O próprio desenvolvimento histórico de conceitos, critérios, procedimentos e metodologia parece ser mais considerado por separações estanques do que por um trabalho que, com e apesar de variações individuais, tem uma dimensão cumulativa que precisa ser identificada como uma espécie de “eixo” na construção do conhecimento científico e da história da humanidade. Isso significa não só adaptar-se a um sistema conceitual e repeti-lo, adotá-lo ou aderir a seu uso, mas identificar a história de desenvolvimento de conceitos, desenvolver uma capacidade de linguagem e raciocínio compatível com as exigências das descobertas e dos conceitos importantes para o desenvolvimento da área, tanto como conhecimento acumulado quanto a procedimentos de utilização do conhecimento que não se reduz ao produto existente do trabalho de conhecer, exigindo também que os usuários desenvolvam procedimentos de verificação, avaliação, aperfeiçoamento e demonstração do que encontram e fazem como patrimônio e como utilização do mesmo no trabalho profissional.

Isso acontece quando são enfatizadas “técnicas” que passam a ser sacralizadas como “receitas” (soluções ou ferramentas) definidoras do que é científico (ou do que seja “comportamental”) seja no trabalho acadêmico, seja nas diferentes modalidades de atuação profissional. É uma tendência que tomou conta de múltiplos ambientes profissionais levando a uma multiplicação de “escolas”, “teorias”, “tendências”, “abordagens”, “técnicas definidoras” (ou modismos de qualquer tipo) e suas variações conceituais que, com frequência e rapidez, se afirmam como novas

“seitas”, “igrejas” ou “religiões” com seus “profetas”, “bispos”, “sacerdotes”, “gurus” e fiéis em torno de concepções que se fixam como verdades sustentadas pelos “procedimentos” de alguns que, quando generalizados, se tornam “práticas orientadoras do que é correto ou adequado”. Parece exagero, mas pode estar havendo um forte envolvimento em um extenso delírio coletivo a “dar uma certeza defensiva” que se manifesta em uma “politicamente correta” tolerância com qualquer coisa em detrimento de críticas, avaliações ou debates construtivos de um conhecimento coletivo mais sólido.

A minimização do debate nas reuniões anuais da ABPMC em favor da exibição de grandes quantidades de trabalhos pode ser uma evidência disso ou, talvez, uma armadilha para isso. A predominância na maximização da apresentação de trabalhos com uma diminuição do tempo, das condições e do planejamento de atividades de debate, avaliação, troca e crítica de trabalhos é algo que compromete a construção de um conhecimento. E o faz até aumentando a quantidade de itens de currículo com “apresentações em congressos” que não contam com um suficiente sistema de condições que possibilite um efetivo debate e integração com a história e com os múltiplos esforços de construção do conhecimento relacionado com o comportamento no âmbito do entendimento originado pela Análise Experimental do Comportamento.

As exigências dos órgãos governamentais devem ser orientadoras para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade e não delimitação de rotinas de atividades que servem para justificar superficialmente o que está sendo feito. A qualidade da capacitação desenvolvida pelos programas de ensino das universidades, particularmente nos programas de pós-gradua-

ção, exige mais do que atividades e produtos escritos ou publicados. Eles precisam ser apropriados à natureza, história de desenvolvimento e fidedignidade do conhecimento em produção ou em utilização no trabalho profissional. Esses problemas não parecem estar sendo considerados nos processos de debate, avaliação e aperfeiçoamento da formação dos que fazem cursos de nível superior no país.

Associações Científicas, Encontros e Reuniões ou Congressos periódicos tem, cada um, papel relevante no enfrentamento de tais situações. Não se trata – essencialmente – desse papel ser a difusão de temas da moda, da época, do mundo ocidental ou da vida contemporânea. Não se trata, também, esse papel de contemporizar com concessões para festejar a existência de um coletivo amplo e fortalecido pela quantidade de participantes. Talvez seja mais importante ter claro referenciais de valor para orientar o trabalho de uma instituição e de um encontro científicos. O que é algo continuamente em construção, quando não em manutenção, aperfeiçoamento ou desenvolvimento. E isto só acontece com um trabalho coletivo em constante exame e avaliação quanto à coerência conceitual e à fidelidade empírica do que é feito, apresentado ou proposto pelos que se dispõem a participar de um congresso, reunião ou encontro que receba o complemento de “científico” ou “profissional”. Em qualquer papel em que cada um participar desses eventos.

Para uma associação de analistas do comportamento, há um papel que indica ser necessário, como função ou papel precípua da instituição, a promoção de condições para o desenvolvimento de analistas do comportamento, o que pode não ser prioridade para nenhuma outra instituição. Em relação a isso, poderia haver, por exemplo, a reunião e o debate

dos projetos e tipos de trabalho que são feitos por diferentes grupos em torno de esforços com a mesma finalidade.

Por exemplo: debater o projeto de formação de analistas do comportamento que cada grupo realiza em conjunto com outros realizadores de projetos com finalidade similar (pós-graduação, especialização, aperfeiçoamento, graduação). Mesmo nos casos de organizações ou eventos, em que interesse apenas uma parte de um projeto maior e não de análise do comportamento, específica e integralmente, valeria a pena avaliar como são organizadas as parcelas desses eventos ou organizações, realizadas como (ou em relação à) análise do comportamento.

A troca de informações e uma eventual ou decorrente avaliação coletiva pode mostrar muito do que está sendo feito e do que pode ser aperfeiçoado pelos analistas do comportamento em qualquer dos âmbitos ou modalidades de atuação. Até o momento, ainda não são conhecidos, pública e coletivamente, os projetos de formação de analistas do comportamento. Menos ainda as avaliações coletivas que eles possam ter. Talvez estejamos nos adaptando a currículos não comportamentais, localizados em torno de temas e exigências burocráticas ou administrativas até incompatíveis com uma boa capacitação de um analista do comportamento. Ou não?... O risco de um processo de mimetização comportamental talvez esteja em curso, fortalecido pela simples e mais confortável condição de haver semelhança com o que é comum, mais difundido ou que existe há mais tempo.

Até mesmo disciplinas ou cursos isolados poderiam ser objeto de debate com outros que realizaram experiências similares. É impressionante como nos

catálogos dos cursos de Análise do Comportamento não são vistos os princípios e conceitos da Análise do Comportamento, tanto nos objetivos quanto na programação desses cursos. A própria noção do que possa (ou deva?) ser um currículo comportamental ainda parece uma expressão que, embora familiar, não fique fácil proceder ou trabalhar com a realização ou construção de algo que possa receber essa designação. Pode ser útil haver algum investimento em aproximar o que é oferecido ao que corresponde a uma tecnologia de ensino efetivamente comportamental.

Novamente, isso exigiria reuniões científicas ou profissionais com características mais complexas do que aquelas em que predomina a exibição de informações. A ABPMC pode ser uma instituição a liderar esforços e trabalhos nessa direção. Mesmo que haja um projeto em comum para o desenvolvimento de ensino de Análise do Comportamento, a troca e o debate podem auxiliar a otimizar esforços a partir do conhecimento de outras experiências. Principalmente se tais trocas e debates forem realizados com o rigor que se diz ser a característica do trabalho científico.

Algumas perguntas são óbvias como uma possível orientação para debates que sejam feitos no âmbito da instituição ou de suas reuniões, encontros ou congressos. O que constitui um currículo comportamental? E qual a relação entre temas, assuntos e comportamentos a desenvolver em um programa de ensino ou em uma intervenção profissional? O que já existe de tecnologia para a construção de planos de ensino coerentes com os princípios e conceitos da Análise do Comportamento? Como (que procedimento constitui) analisar – comportamentalmente! – conceitos psicológicos ou técnicas de intervenção, principalmente no âmbito da psicoterapia?

Se não forem aprofundadas tais questões, como será avaliado o que efetivamente está sendo realizado como capacitação de novos analistas do comportamento? Os conceitos e procedimentos existentes e predominantes na rede de ensino superior – e aos quais a quase totalidade dos analistas de comportamento foram submetidos – não parecem compatíveis com conceitos e princípios da análise do comportamento. Por exemplo: currículo? Objetivos? Avaliação da aprendizagem? Qualidade do ensino? Uso de técnicas ou clareza da funcionalidade de procedimentos utilizados?

Sustentabilidade, além de ser orientação para o trabalho, é algo produzido pelos comportamentos dos analistas do comportamento.

Até o próprio conceito de sustentabilidade precisa de um exame cuidadoso: que comportamentos alguém deveria apresentar para constituir um trabalho profissional sustentável? Ou para construir sustentabilidade na sociedade? Que aspectos constituintes do comportamento se relacionam com “sustentabilidade? O uso de conceitos e adjetivos sem suficiente clareza a respeito de quais processos comportamentais estão relacionados a eles, constituindo-os ou sendo condições para a ocorrência de tais processos, ainda parece ser um empreendimento mais ritualístico do que esclarecedor.

A diversidade de conceitos, termos e problemas sem ainda uma análise comportamental não pode ser algo a esquivar ou do que fugir, mantendo uma mera adoção periférica de termos, em um processo que pode ser apenas ou predominantemente mimetização conceitual: ficar com um discurso o mais parecido possível com aquele que existe no meio em que cada um atua. Tais conceitos, problemas e

terminologia constituem uma condição que precisa de comportamentos coerentes com o que a própria análise do comportamento já possibilita identificar: aqueles que elucidam os processos que ocorrem sob tais designações ou circunstâncias.

Nos encontros anuais da ABPMC – considerando que sejam reuniões, congressos ou encontros científicos e não somente feiras profissionais ou acadêmicas – deveria haver ênfase em debates relativos aos trabalhos apresentados, mais do que a comunicação ou exibição desses trabalhos e os respectivos esclarecimentos para o público. O debate, a avaliação e o *feedback* efetivamente informativo (não apenas adjetivador) de colegas pesquisadores, ou iniciantes em Ciência, pode ser uma excelente consequência social para quem apresenta seus trabalhos.

A ênfase na exibição de trabalhos e a minimização de debates parece ser uma forte inversão do que constitui um congresso científico e, mesmo, um encontro ou reunião de natureza profissional, não redutível a negócios ou *marketing*. E os debates e a avaliação, nas duas últimas décadas, nos encontros da ABPMC – e de outros tipos de congressos no país – têm diminuído progressivamente em função de ênfase na exibição de trabalhos. É útil esclarecer que há casos de pessoas, nessas reuniões, encontros ou congressos, considerarem desprestígio haver perguntas e sugestões que não sejam elogios ao trabalho apresentado. Mas, tais casos precisam ser considerados como circunstância a exigir (e para desenvolver) recursos de apoio aos debates e comentários relativos aos trabalhos apresentados.

Vale a reiterar que a própria sustentabilidade do comportamento científico e da ABPMC dependem das características dos comportamentos dos ana-

listas do comportamento, incluindo a concepção, o planejamento, a preparação e a coordenação de seus encontros anuais, como atividade voltada para o aprimoramento dos profissionais, de sua formação e de seu trabalho na sociedade. Talvez o maior benefício que um congresso científico possa trazer para quem faz uma pesquisa é efetivamente haver debate a respeito do trabalho que apresentar. E “debate” não significa uma ou duas perguntas ou um ou dois comentários apressados e superficiais ou formais pelo tempo destinado para tais atividades. Menos ainda uma mera adjetivação ou uso de expressões genéricas tanto de aprovação, quanto de isenção de qualquer exame ou contribuição ao trabalho apresentado.

Só a exibição de um trabalho – científico ou profissional – corre o risco de fortalecer qualquer tipo de procedimento (e isto pode ser em direções contrárias às desejáveis para um efetivo desenvolvimento) dos que apresentam trabalhos em reuniões, encontros ou congressos científicos. A previsão e garantia de debatedores qualificados pode ser algo importante para o papel de um congresso com o risco de, sem isso, ele confundir-se com uma feira de produtos em exibição, sem qualquer retorno para quem apresenta tais produtos a não ser aquelas que a burocracia provê: certificados de apresentação em congressos e algum *status* ou propaganda pessoal decorrentes dessa apresentação.

### Sustentabilidade e método científico no trabalho de analistas do comportamento

O próprio conceito de “método científico” já desenvolvido na própria área é uma excelente condição de sustentabilidade de um contínuo desenvolvimento da Análise do Comportamento, de acordo com a história de conhecimento já realizada. O conceito

tradicional de método da Ciência como sendo “controle das variáveis que interferem na ocorrência do objeto de estudo” ficou superado com o exame de Sidman (1986) a respeito dos procedimentos (táticas?) da Pesquisa Científica. Com seu trabalho, ficou evidenciado que, mais do que as variáveis que interferem nas características da ocorrência do objeto de estudo, o cientista precisa cuidar também das variáveis que interferem com o processo de conhecer realizado por ele mesmo – o próprio comportamento do cientista (Botomé, 1993).

Em outras palavras, o comportamento do cientista produz influências fortes no processo de produção de conhecimento que ele realiza (e no conhecimento resultante desse processo) e isso precisa ser considerado como parte do “método” que ele “utiliza”. Desde o que ele aprendeu a respeito dos conceitos básicos envolvidos até os recursos que emprega, os procedimentos que realiza e as decisões que toma em cada etapa ou momento de uma pesquisa, há orientação e influência no que produz.

Isso faz com que haja uma revisão no que ainda está sendo entendido por Método da Ciência, agora incluindo o comportamento do cientista como parte do problema – do Método, no caso – e não apenas algo que tem pouca importância na qualificação dos resultados do processo de conhecer. Obviamente, não se trata de confundir método com técnicas, procedimentos *standartizados* ou rituais de trabalho e de discurso comuns ou difundidos no exame dessas concepções a respeito do método da Ciência.

Como agência e oportunidade, a ABPMC e o Encontro (Reunião ou Congresso?) Anual que realiza são partes dos problemas de formação de analistas comportamentais e de construção da Análise do

Comportamento no País. As condições e os procedimentos e conceitos utilizados na concepção, no planejamento, na preparação, na programação e na coordenação de suas ocorrências são variáveis muito mais importantes do que é costume considerar.

Elas não são apenas circunstâncias inócuas ou secundárias, elas podem acontecer em graus variados de participação e complexidade, exatamente o que faz com que um Encontro, Congresso ou Reunião – com qualquer periodicidade de ocorrência – possa, adequadamente, receber a qualificação de “científico” por suas características e não apenas pela rotina habitual de sua ocorrência e designação. Marcadamente, isso tudo provoca mais atenção quando o próprio “mote” deste XXV Encontro Anual da ABPMC são as relações entre ciência, cultura e desenvolvimento sustentável.

Qual Ciência? Quais Comportamentos? Que Cultura? Que Desenvolvimento? Quais procedimentos de trabalho levarão a tudo isso como características da ABPMC, de seu Encontro Anual e até do próprio trabalho dos analistas do comportamento no país? Que condições estão sendo desenvolvidas e que relações concretas elas têm com um desenvolvimento sustentável da formação, do trabalho e do conhe-

cimento utilizado pelos analistas do comportamento? Ou não importa entender ou responder qualquer uma dessas perguntas?

(É preciso reconhecer e agradecer a generosa e gentil acolhida que proporcionaram a este expositor, que fica com a esperança de lhes ter retribuído a acolhida, por meio do que foi apresentado neste breve e ainda genérico exame de alguns aspectos de nosso próprio trabalho como grupo em busca de constituir uma comunidade científica. Particularmente, vale registrar o reconhecimento e a gratidão pelas generosas e pertinentes observações feitas por Roberto Alves Banaco na revisão deste texto para publicação.)

## REFERÊNCIAS

- Botomé, S. P. (1993). Metodologia de pesquisa: a lucidez orientando a ação. In T. R. S. Dias, F. E. Denari & O. M. Kubo. *Temas em Educação Especial 2* (pp. 313-322). São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos.
- Sidman, M. (1986). *Táticas da pesquisa científica: avaliações dos dados experimentais na Psicologia*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Recebido em 20/11/2016  
Revisado em 05/02/2017  
Aceito em 15/02/2017